

ORGANIZADOR
ADEMIR PASCALE

TEMPO DE AMAR

contos e poemas



VOL. VII



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-69869-5
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

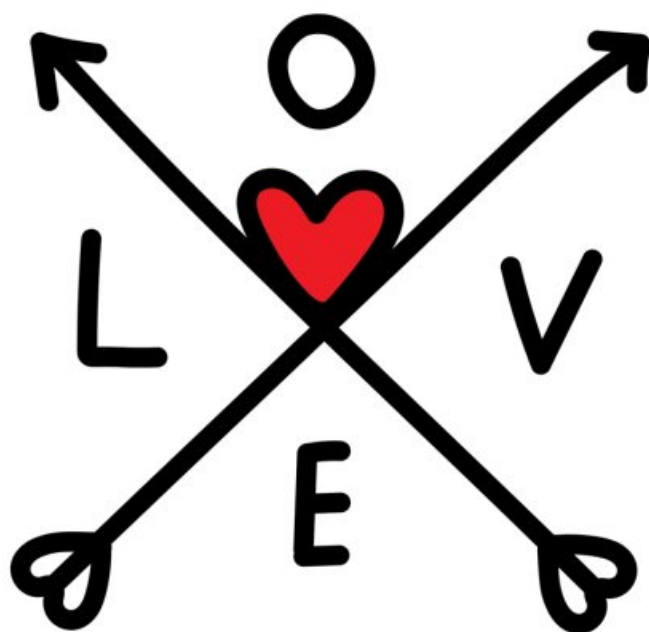
SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

SENDO AVALIADO, POR ANDRÉ LUIZ MARTINS DE ALMEIDA, PÁG. 05
SOLIDÃO, POR ANDRES DANIEL MARIN BERENGUEL, PÁG. 07
ANTECIPE-SE, POR GERSON DUARTE MENDES, PÁG. 09
SOMOS, POR GERSON DUARTE MENDES, PÁG. 11
SER CELESTE, POR GERSON DUARTE MENDES, PÁG. 13
CREPÚSCULO DE TI, POR GUSTAVO RODRIGUES DA CUNHA FILHO, PÁG. 16
FIZ UM POEMA, POR GUSTAVO RODRIGUES DA CUNHA FILHO, PÁG. 18
QUERO TUDO, POR GUSTAVO RODRIGUES DA CUNHA FILHO, PÁG. 20
AINDA HÁ TEMPO DE AMAR, POR MARIA DA AJUDA LARANJEIRAS, PÁG. 22
O REI LEÃO BRASILEIRO, POR MARIO LUIZ AMORIM DA SILVA, PÁG. 24
AMOR: ECO CANDENTE DE MINHA ALMA, POR MATEUS PAVANELLI DE ALBUQUERQUE, PÁG. 26
CORDIS ROMAN, POR RAFAEL SANTOS, PÁG. 29
MENINO-LUZ, POR RAFAEL ZVEITER, PÁG. 32
O TEMPO DO AMOR É A ETERNIDADE, POR RITA PADUA, PÁG. 35
O HOMEM E OS SEUS CÃES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 37
A CONQUISTA DA BEQUINHA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 39
HÁ ESPERANÇA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 41
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 43



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



TEMPO DE AMAR
VOL. VII



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sendo Avaliado

Por André Luiz Martins de Almeida

André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro. Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outro estado, como Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Publicou os livros Antologia Poética "Aspirações de um Discípulo" e "Exortações Inspiradas" pela Drago Editorial em 2019/2020, "Adoração Poética" pelo sistema KDP da Amazon em 2021 e o 4º "Alvorada do Avivamento" pela Editora mandacaru em 2022.

Quando você se sente enamorado.

A percepção lhe diz que o momento era esperado,

Ou alguns dizem, que foi um período demorado.

Contudo, conscientize-se que está sendo avaliado.

O tempo é o seu inimigo, e não o seu aliado.

O amor **LUDUS** te fará ser desafiado.

Enfrentarás sentimentos para você, inexplicáveis.

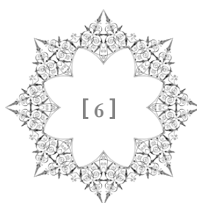
Sua avaliação preservará, somente os aplicáveis.

Todos os amores sendo avaliados, restarão os estáveis.

O **LUDUS** não é um amor para se dar vazão,

Pois não passará na avaliação,

Se você cumprir todos os passos da sua razão.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Solidão

Por Andres Daniel Marin Berenguel

Andres Marin é um escritor Venezuelano, atualmente residindo no Brasil. Desde jovem, ele sempre foi cheio de curiosidade e interesse em aprender mais sobre a vida e o mundo ao seu redor. Ao longo dos anos, Andres tem se dedicado à escrita, explorando diversos gêneros e temas em suas obras.

“E se eu estiver sozinho? Já passei por momentos bons e ruins sem companhia antes de você, e devo informá-lo que superei meus fantasmas completamente. Eu sou uma pessoa diferente quando estou em minha solidão, imerso em considerar todas as banalidades da sociedade. E como negar que sinto sua falta se minha pele sempre pensa em você e um aroma de rosas me lembra do seu cabelo? É verdade que muitas noites você foi a causa do meu sono interrompido, mas e daí se eu não estiver mais ao seu lado? Eu encontrei meu lugar no mundo e me sentei no prado, vi a lua brilhando incansavelmente no ponto mais alto, e lá eu estava sozinho, sem outra companhia além da grama e dos sons da natureza. Mas um dia, quando vi o olhar de você em um sorriso de uma menina, não consegui evitar que minhas lágrimas caíssem, pois em minha solidão, suas memórias estavam presentes e, a pesar de você estar ausente neste mundo agora, mantenho minhas lembranças para viver com você para sempre.”





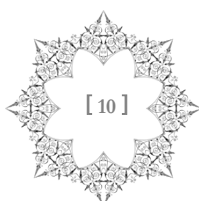
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Antecipe-se

Por Gerson Duarte Mendes

Gerson Duarte Mendes nasceu no dia 13 de julho de 1969. Carioca, nascido na zona norte do Rio de Janeiro, em Bento Ribeiro. Concluiu o ensino médio na área de Técnico em Processamento de Dados e sempre trabalhou na área administrativa. Amante de música, arte, poesia e literatura, atualmente é Contador de Histórias - narração oral.

Antes do encontro sutil de nossos olhares,
seja a canção romântica que está tocando no carro de som.
Antes do perfume na pele,
seja o aroma de jasmim florido, podado e milimetricamente redondo.
Antes do nosso primeiro beijo,
seja o protetor labial de nossos lábios ressecados.
Antes da troca de nossos números de WhatsApp,
seja aquele papel de carta amarelado guardado no fundo da gaveta.
Antes de conversar com Deus em seu momento de descanso,
lembre-se do meu sorriso largo, assim que vi seu rosto pela manhã.
Quando eu lhe der um presente,
lembre-se das minhas mãos trêmulas, tentando acertar a aliança em seu dedo.
Caso pretenda sonhar,
deixe-me pegar no sono para não nos afastarmos por muito tempo.
Antes da despedida,
seja aquela pessoa que me esperará, onde quer que eu pretenda ir.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Somos

Por Gerson Duarte Mendes

Gerson Duarte Mendes nasceu no dia 13 de julho de 1969. Carioca, nascido na zona norte do Rio de Janeiro, em Bento Ribeiro. Concluiu o ensino médio na área de Técnico em Processamento de Dados e sempre trabalhou na área administrativa. Amante de música, arte, poesia e literatura, atualmente é Contador de Histórias – narração oral.

Somos uma folha de papel em branco

aguardando o momento do nascimento.

Aquela luz brilhante que ilumina uma estrada de caminhos a serem descortinados.

Ainda somos pequeninos e deslumbrados com as descobertas.

Somos descrentes e crentes que sabemos de tudo.

Temos todas as cores, mas enaltecemos o preto e branco.

Como caçadores vorazes, buscamos um tesouro que brilha na simplicidade e, é ofuscado pela catarata do poder.

Somos dotados de grandes poderes e guardamos no peito apenas doses profundas de mágoas.

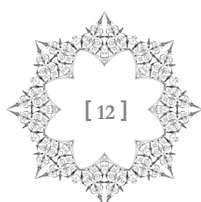
Somos sorrisos

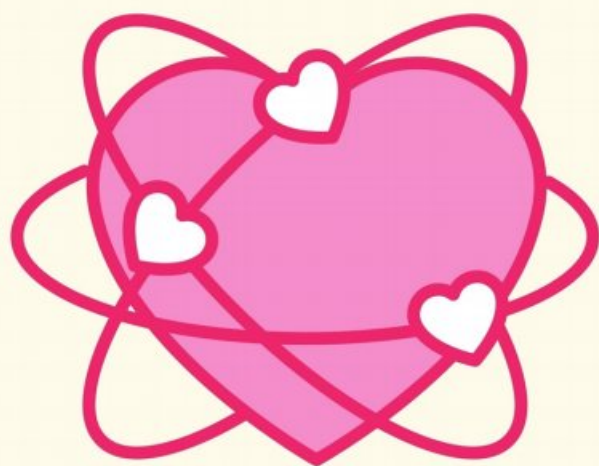
Somos abraços

Somos milagres

Somos Seres Vivos

E, somos Amor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ser Celeste

Por Gerson Duarte Mendes

Gerson Duarte Mendes nasceu no dia 13 de julho de 1969. Carioca, nascido na zona norte do Rio de Janeiro, em Bento Ribeiro. Concluiu o ensino médio na área de Técnico em Processamento de Dados e sempre trabalhou na área administrativa. Amante de música, arte, poesia e literatura, atualmente é Contador de Histórias – narração oral.

Dizem que no céu avistou-se uma grande explosão
Estilhaços de estrelas e meteoros
Brilhavam e flutuavam,
após repetidas colisões

Na terra, olhos arregalados e uma grande expectativa.
Nascia neste momento,
Um ser nobre com atributos excepcionais
Um Deus homem
Sem capa ou físico extraordinário,
Mas carregava no peito uma vontade danada.

Um paladino não de arco e flecha,
com pensamentos puros e compreensão.
Um S bem grande estampado no uniforme
Solidariedade é o significado e respeito, um aliado.

Seu coração? Blindado é
De matéria prima natural
100% de algodão afetuoso
Não é covarde nem medroso

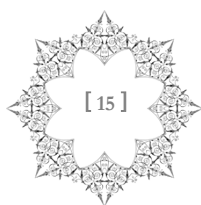
Na Terra, no Céu ou no Mar,
por onde o Herói se aventurar,
salvando alguém ou a passear,
sua labuta é sempre um indefeso a ajudar.

Meus pensamentos viajam
E dano a matutar
Se ele não utiliza capa,
onde o herói se esconde?
No interior de uma caverna ou com os santos no altar?

Percebi que os Heróis estão por toda parte
são fáceis de identificar
Gestos simples e discretos,
Humildes e honestos
Prontos a nos ajudar

Se dúvidas do que te digo,
E que tudo isso não passa de um sonho,
como acreditas em um herói,
que vive em outro plano?

Conseguimos enfrentar nossos medos;
Ultrapassar nossos limites.
Surpreendemos a nós mesmos
E nosso coração pulsando forte
Herói, herói, não desiste!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Crepúsculo de ti

Por Gustavo Rodrigues da Cunha Filho

Meu nome é Gustavo Rodrigues Da Cunha Filho, nascido na cidade de Uberaba, Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

Formei-me em psicologia e letras. Comecei a escrever ainda jovem, com apenas 10 anos de idade. A paixão pela literatura universal levou-me a contemplar um futuro com escritor, principalmente de contos e poesias. Ainda não tive a oportunidade de concretizar o sonho de escrever e ter um livro de minha autoria publicado.

Todavia, de quando em vez, sempre tomo parte em concursos de poesia e contos. Espero poder fazer parte deste também.

O silêncio transborda de luz o interior vazio da sala.
Do sofá onde me sento, vejo-te a vagar através dos cômodos da casa como outrora fazias
E é como se quase pudesse tocar-te.
Talvez estejas ausente por um instante apenas;
Brincando de fabricar sonhos inalcançáveis noutro lugar...
Da porta do quarto o vazio é intransponível e não atrevo-me a adentrá-lo:
O teu espectro, oscilante e desvanecente,
Tortura-me como aquela presença ubíqua que somente os seres imperecíveis possuem.
Debalde tento desvencilhar-me de ti, é inútil...
Fundir-me-ei com o silêncio.
Tornar-me-ei uma quimera de mim mesmo.
Serei espaço e tempo.
E ao término inevitável de tudo,
Serás apenas saudade extinguindo-se a si mesma como o crepúsculo que,
Reverenciando o fulgor do dia,
Prenuncia o seu próprio fim.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Fiz um poema

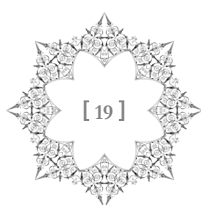
Por Gustavo Rodrigues da Cunha Filho

Meu nome é Gustavo Rodrigues Da Cunha Filho, nascido na cidade de Uberaba, Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

Formei-me em psicologia e letras. Comecei a escrever ainda jovem, com apenas 10 anos de idade. A paixão pela literatura universal levou-me a contemplar um futuro com escritor, principalmente de contos e poesias. Ainda não tive a oportunidade de concretizar o sonho de escrever e ter um livro de minha autoria publicado.

Todavia, de quando em vez, sempre tomo parte em concursos de poesia e contos. Espero poder fazer parte deste também.

Fiz um poema
Dos mais singelos.
Desses para se guardar nos segredos de um verso.
Com rimas despretensiosas
E também sem intervenções laboriosas,
Não há nele dedicatórias,
Nem tampouco, retilínia, uma trajetória.
Fiz um poema
Para que vos lembreis
Da verdade pura e sublime
Que se oculta
No menear dos lábios
Ao desferirem um sincero sorriso.
Fiz um poema que não deixasse marcas,
Que fosse abandonado,
Dentro de um livro, ao canto da mesa, empoeirada e esquecida.
Fiz um poema para não ser recordado
E que por toda a gente fosse renegado.
Como se abjuram as meretrizes e os leprosos.
Fiz um poema repugnante, ordinário e vil,
Que se desfaz com a suavidade
De uma manhã que subitamente partiu.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quero tudo

Por Gustavo Rodrigues da Cunha Filho

Meu nome é Gustavo Rodrigues Da Cunha Filho, nascido na cidade de Uberaba, Triângulo Mineiro, Minas Gerais.

Formei-me em psicologia e letras. Comecei a escrever ainda jovem, com apenas 10 anos de idade. A paixão pela literatura universal levou-me a contemplar um futuro com escritor, principalmente de contos e poesias. Ainda não tive a oportunidade de concretizar o sonho de escrever e ter um livro de minha autoria publicado.

Todavia, de quando em vez, sempre tomo parte em concursos de poesia e contos. Espero poder fazer parte deste também.

Quero tudo como aquele que não quer nada.

Um querer assim, disforme e opaco. Procuro, no labirinto confuso de minhas memórias, nos escombros onde outrora uma ponte existia, o ponto exato em que me perdi.

Não busco mais o entendimento daquilo que não posso entender.

A conexão foi perdida:

E o que optei por esquecer,

Esqueci por razões já esquecidas,

No mais profundo esquecimento

de um ser-querer que a si mesmo quer se esquecer.

Tal qual como num sonho em que se sonha sem nem sequer adormecer.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ainda há tempo de amar

Por Maria da Ajuda Laranjeiras

Maria da Ajuda Gomes Laranjeiras, professora da rede pública estadual do Tocantins, cidade de Araguaína. Formada em Letras, com especialização no ensino de Língua Portuguesa e Espanhola. Com experiência na formação continuada de professores de Língua Portuguesa, atuou nos programas Proformação e Gestar II. Foi docente por mais de 15 anos no ensino médio. Atualmente, atua no ensino fundamental II.

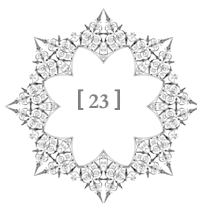
Já dizia Albert Einstein:
Se tiveres que escolher
Entre o mundo e o amor;
O amor que deve ser.

Se optares pelo mundo,
O amor será afastado;
Mas se o amor for a opção,
o mundo será conquistado.

O amor é muito forte;
O amor muda o mundo;
O amor é o sentimento
De todos o mais profundo.

Nesse mundo de conflitos,
Se houvesse mais amor,
Não haveria tanta guerra,
Fome, miséria e dor.

Isso não é utopia
De um exímio sonhador;
É o sentimento que o ser humano
Reconhece como valor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Rei Leão Brasileiro

Por Mario Luiz Amorim da Silva

Mario Luiz Amorim da Silva nasceu em Suzano (SP). Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Literatura Africana, Indígena e Latina, História e Cultura Indígena e Afro-brasileira. Professor de Literatura e das Línguas Portuguesa e Espanhola – Ensino Fundamental e Médio no Instituto Estadual Padre Francisco Garcia - 35ª CRE de São Borja (RS) e Diretor do Intercape – Instituto Internacional de Línguas Estrangeiras e Capacitação Profissional (Osvaldo Cruz/SP). É aluno do Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas da Unipampa – Câmpus São Borja (RS).

É numa grandiosa floresta chamada Brasil
Onde inúmeros rios são de cor azul anil
O insensato e perspicaz leão brasileiro imperou
Em resultado às atitudes dele muita vida ceifou

Na selva, a fauna e a flora se revoltaram
Por tamanha irresponsabilidade se queixaram
A majestade revidou com sua força e rugido feroz
E a insatisfação se espalhou pelos quatro cantos bem veloz

Por insistir no erro a monarquia da selva não percebia
A falta de cuidado nesta terra e seus filhos que morria
E também que a união foi mais do que rebeldia

Nas margens plácidas, caíram as lágrimas do monarca
Onde a ordem e o progresso passaram a ser heresiarca
E só ocorreu mudança ao exilar o soberano em uma barca





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Amor: eco candente de minha Alma

Por Mateus Pavanelli de Albuquerque

Mateus é um jovem de 21 anos de idade, natural de Ilha Solteira, uma cidade do interior Paulista. Atualmente é estudante de Direito nas horas vagas e aspirante a poeta. É um grande entusiasta da filosofia, da literatura e dos mistérios da vida. É um bocado introspectivo, observador, e tem dentro de si, como o grande poeta português, todos os sonhos do mundo. Não sabe o que a vida lhe destina, mas de uma coisa é certa: a vida o impele ao ofício da escrita, de eternizar o efêmero caos da existência em sujas e limitadas palavras.

Se a tua falta me invade a alma
O mar revolto se revela em minha face,
E à porta do meu interior
A correnteza do meu coração verte lágrimas de saudades.

Teu beijo, tua face, me tocam o espírito
E abraçam a parede da memória.
Sem você, contigo em mim, me envolvo de ti,
E a dor da sua ausência me consola.

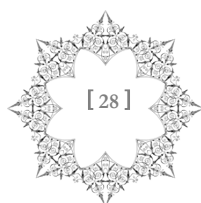
Tu és bela até em minha dor,
E o arroio do nosso amor aquece o grosso frio do meu inverno,
Da minha solidão.
Noto que a lágrima já não jorra mais sangue,
Mas me permeia, e escruta meus ais,
Plácidos lamentos, nobre diamante,
Delicada *samsara*.

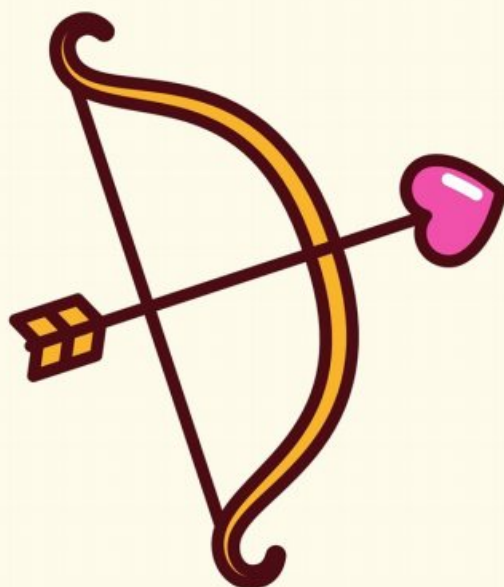
Por detrás de toda proteção, de todo cuidado,
Nos afagos das manhãs com sabores de sono,
Nos calorosos beijos desmedidos que transbordam
Molhados em nosso exagero,
O nosso desvanecer
Oculta e revela o mistério,
A força criadora,
O nosso amor.

Meu amor
Que não se engane,
Não é breve sol de verão,
É feito pois da mesma luz que em tudo emana,
Do gélido calor da força do eterno,

Da luz das estrelas,
Da canção das tempestades e das marés.

Ó querida, que isso não seja motivo de tolo orgulho,
Pois somos beleza e espanto,
A incógnita sombra dos milênios,
Hinos e canções,
Poesias e teses,
Assombro da filosofia e das artes.
Meu bem, não somos conceito,
Nós
Somos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Cordis Roman

Por Rafael Santos

Rafael Dos Santos Lopes, poeta que assina com no total quatro pseudônimos: Rafael Santos, Rafael Rankzz, Roman Cordis e RKZ. Autor do livro "OS 4 R: Manual de como dizer o que sente" e também organizador do perfil de instagram PoetryBrasil, fora outros projetos literários.

Amo escrever, comecei como uma forma de descarrego emocional e agora o descarrego se tornou poesia para os leitores.

A janela era invadida pela estrela do amanhã. Roman Cordis, estirado à cama, encarava o teto. Refletia sobre o café doce que se tornou amargo. Havia finalizado mais um livro sobre amor, uma nova garota, mas o mesmo fim.

Roman Cordis, o homem que não encontrou seu Cordis Roman. Cada manuscrito é um novo escrito sobre um amor, mas nunca um romance. Roman quando apaixonado observava o mundo ganhar vida, o café sem açúcar com gosto doce, as flores com tons vibrantes como se sorrisse para ele. O amor é como uma torta de limão, começa doce e gostosa, terminando com um sabor azedo à boca. Roman sentia apenas o azedo e nunca o doce sabor do romance.

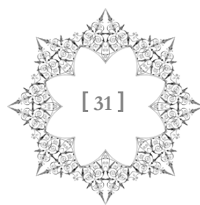
Andava à rua procurando respostas na natureza, em uma flor, uma árvore ou o céu, qualquer coisa que pudesse preencher a imensidão que sentia dentro de si. Era como se buscasse o nada esperando encontrar algo. “Olhe para o abismo e o abismo olhará de volta.” - Foi o que pensou Roman. O quão fundo precisava mergulhar para encontrar respostas? Não importava quão dolorido estava o peito, um café amargo e uma poesia sobre o amor perdido e os dias cinzas tornavam-se menos mortos. Ele não sabia como ou o porquê, mas a cada caminhada à rua e a cada observação ao vazio encontrava novas respostas.

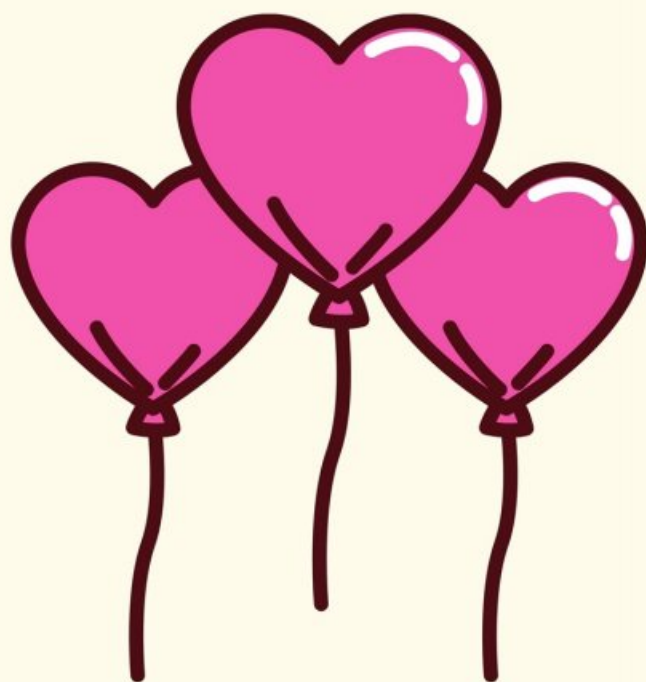
O nada parecia gostar da companhia de Roman, acompanhava-o durante suas caminhadas e contara verdades que ninguém tinha coragem de lhe dizer. O romance que tanto ansiava escrevendo cada texto nunca seria encontrado em uma procura. A poesia perfeita encontraria o poeta e sua inspiração viveria até o fim da vida.

Aceitou as palavras do vazio e conformou-se com o tempo e o seu passar, às vezes lento, às vezes rápido, mas nunca o deixava parado. Roman sem expectativas visitava-se em seu museu, todos aqueles “às vezes” e os “quases” que teve deixaram-no cada vez menos crente em um futuro diferente. Como se a cada passo diante suas obras e suas histórias antigas fosse um sopro, uma tentativa de extinguir a chama ainda viva dentro de sua fogueira.

-Uma última vez! -Disse Roman para si enquanto aprontava-se para suas longas caminhadas. Enquanto explorava as ruas da cidade sentia que esquecera de algo, mas não lembrava o que era. Checou diversas vezes os bolsos e nada tinha esquecido... O nada, o homem havia esquecido o nada e antes que pudesse convidá-lo para uma última

volta aos quarteirões, uma linda poesia pairou sobre seus olhos. A inspiração palpitou do peito para a garganta e como se fosse um recém-nascido, como se cada letra e palavra que compunha a obra fossem novidades. Antes que percebesse, Roman havia encontrado uma nova poesia e sua inspiração.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Menino-luz

Por Rafael Zveiter

Rafael Zveiter é escritor, poeta e estudante de Cinema. Nasceu em Niterói (Rio de Janeiro). É integrante do coletivo cultural Corujão da Poesia desde 2009. Publicou três livros: "Visceral", de poemas, "Afrodite", de contos e o romance "Correspondências de um invisível". Possui poemas e crônicas e conto publicados em revistas literárias e antologias.

Tuas mãos sobre o meu corpo
São como um bálsamo
A suavizar meus dias gris

Quero-te, menino-luz
Acarinhando-me
Massageando o meu corpo cansado
Fazendo doer o meu abdômen
De tanto rir

Quero-te, menino-luz
Energizando-me
Correspondendo aos meus sorrisos
Dando sentido a minha vida
Às vezes tão pasma

Quero-te cobertor
Aquecendo o inverno sorocabano
Quero-te vibrando
Dentro de mim
Desvendando pontos erógenos
Adormecidos pelas desventuras
Quero-te aventura
Trilhando os diversos viveres
Quero-te quereres
Alimentando a minha fome de amparo
Quero-te água
Inundando o meu pasto barrento
Quero-te chuva
Quero-te sol
Quero-te vento

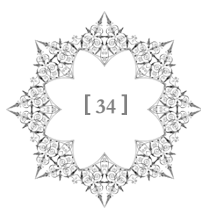
Quero-te e posso

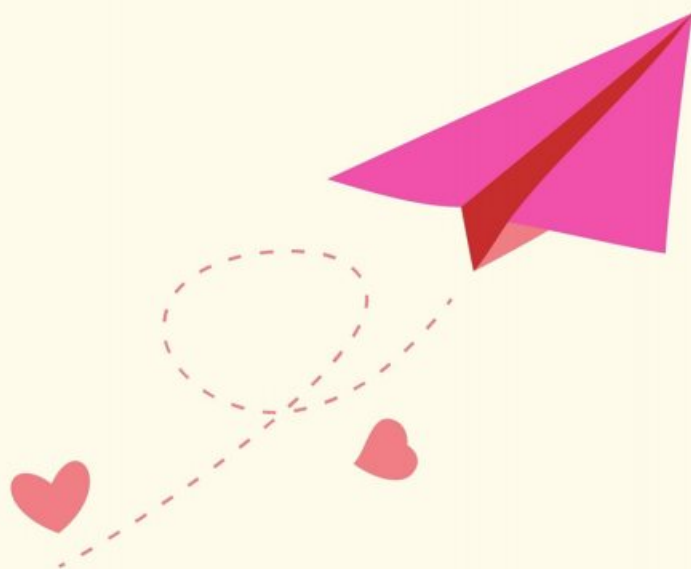
Sei que te alcanço
Sei que te fisgo
Sei que te inspiro

Seja por meses
Seja por dias
Seja por horas

Quero-te agora
Em pensamento
Quero-te em meus dias livres
Em carne
Quero-te por toda a eternidade possível
Em espírito

Seja desprendido, menino-luz
Que meu querer é liberto
Seja sempre e brilhe
Iluminando outros
Iluminando outras
Viva, menino-luz
Viva, mas guarde-me sempre contigo





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O tempo do amor é a eternidade

Por Rita Padua

Rita Padua é apenas uma amante das palavras, e o verbo é a pronúncia que molda seu mundo.

Na medida exata de uma canção melodiosa ainda não composta, durou aquele sonho que em outros tempos trouxeram suas promessas, feito aviões de papel.

Sua voz com esse efeito imortal sobre minha alma, lembrada no embalo do brilho lunar, sob estações primeiras de cenários antigos e lamuriosos de povos e continentes que buscam uma vã filosofia que os aqueça o espírito que caminha vagando estridente sobre náuseas corpóreas.

Foi a lembrança precisa que despertada na penumbra escuridão tardia, preencheu o vazio com seu encanto e desprazer da dor significativa de possuir a todo custo, o tempo todo, aquela figura apocalíptica presente no mais alto valor do verbo personificado.

Aquela menção desfeita em laços eternos que nos ligam trazendo a tona seu coração ardente, como poesia embalada com as areias que sufocam os ossos apaixonados.

Sua imagem traduzia na obscuridade sufocante da limitação dos meus rasos olhos flamejantes, a lembrança de possuir o sentindo daquilo que me escapa pelas mãos, esvaindo-se sem fim.

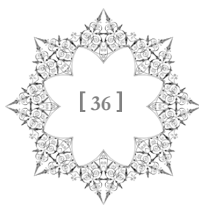
Quando o sol tocava o solo e mostrava as terrenas horas que determinavam o momento exato em que minha pele conheceria do poder e do pecado de se descobrir deus em seus lábios nus.

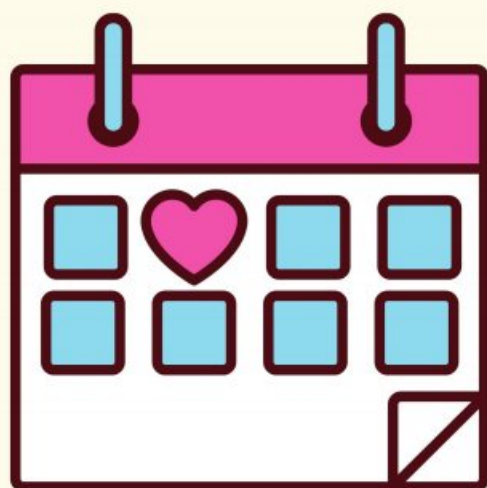
Faziam da lembrança, despreziosa e fugaz, a aniquilação total de toda ilusão que inundavam os meus sentidos e sentimentos.

Aos seus braços pertence a minha ingratidão de nunca obter o suficiente daquilo que reza as estruturas que me firmam ao chão.

Coragem! Gritam os nervos e rangem os dentes, que agora se aquecem ante a palavra ora professada por toda máscara envenenada pelas engrenagens de sangue e suor.

Porque o que fica nesse agora, é um peito obscurecido pela razão etérea de uma abordagem esquecida pelos milhares que zombam da minha euforia contida no simples abraço emblemático de razões desconhecidas.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Homem E Os Seus Cães

Por Sellma Luanny

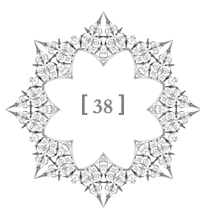
Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e cinco antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Nada em detalhes sei destes personagens. Só sei que têm frequentado a mesma praia por onde eu tenho andado em períodos curtos e esparsos, nestes últimos anos.

Conheci, ou melhor, lembro-me de quatro cães naquela mesma localidade, numa época anterior à entrada deste homem, nesta historieta. Eram quatro cães abandonados, conseqüentemente, malnutridos, maltratados e provavelmente infelizes, pois das pessoas a que tinham contato esporádico, não recebiam muita tolerância – e muito menos amor. Recebiam indiferença ou agressão. E aí, ou fugiam ou sofriam. Era um grupo unido. Pareciam ser membros de uma mesma família e estavam sempre juntos, com um deles a mostrar um certo comprometimento no andar, com mais dificuldade em se locomover e sinais de provável mais idade do que os outros.

Pois bem!... Num destes meus retornos ocasionais e bem espaçados àquela praia, tive a grata surpresa e satisfação ao ver os quatro cães, destemidamente, a acompanharem um homem. E fiquei ainda mais feliz ao saber que eles haviam sido todos adotados, como família, por aquele homem que devia morar na redondeza. E, naquela ocasião, passei a vê-los quase diariamente. O homem passeava os quatro cães pela manhã, ao longo da praia, numa comunhão que parecia antiga. Os cães obedeciam-no geralmente, sem contenção - com um ocasional comando verbal e rara repreensão. Vê-se que a felicidade chegou para todos!

E isso me faz acreditar que parte dos seres humanos é realmente digna de mérito. E este é um grande estímulo para ainda esperar num futuro mais justo para todos os seres que habitam este planeta – humanos ou não.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Conquista Da Bequinhinha

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e cinco antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Após a morte das nossas duas cadelas Boxers, num mesmo ano, prometemos a nós mesmos que não iríamos ter mais cães em casa. Essas duas cadelas eram tratadas como membros da família e foram muito amadas. A morte de ambas foi-nos muito dolorosa e traumática. Elas eram irmãs e morreram consequente a doenças genéticas - comuns em cães de raça pura - num intervalo de alguns meses uma da outra.

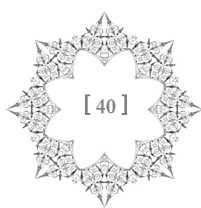
Só quem já perdeu animais de estimação sabe da dor que nos atinge nestas circunstâncias.

Como associada à ANIMA (Associação De Proteção Dos Animais De Macau) eu ia algumas vezes ao abrigo para animais abandonados, que esta associação mantinha e ainda mantém. Eu ia lá para visitar e dar uma assistência - muitas vezes só "psicológica" -, pela presença e atenção. Neste abrigo, costumam separar os cães em grupos por afinidade e tamanho, para evitar confrontos que não são e não eram incomuns e que às vezes resultam em graves consequências. Naquela época, no abrigo antigo e menor, colocavam os grupos de cães em cercados semifechados nas laterais e cobertos com telhados para os protegerem de tempestades e invernos rigorosos. Quando o tempo não estava chuvoso, soltavam os grupos de cães separadamente, para o pátio do abrigo, para correrem e relaxarem um pouco.

Houve uma época, quando eu ia a este abrigo e coincidia de soltarem um grupo de cães pequenos para médios, uma cadelinha vira-lata/rafeira, com focinho fino e alongado, pelo listrado de preto e caramelo, com uma ampla área branca do pescoço ao peito, um "desenho" muito especial de linhas pretas na face, olhos grandes e expressivos, e muito magrinha, corria na minha direção. Ela então tocava-me, "dava-me" uma ou outra pata e não mais me largava até ter de voltar para o seu cercado. Numa dessas ocasiões, ela correu para mim, colocou-se em pé nas patas traseiras e literalmente "pegou e segurou" um dos meus braços com as patas dianteiras entrecruzadas, ao mesmo tempo em que me olhava fixa e insistentemente.

Conclusão da história: após conversar com o meu marido sobre aquela situação sensível, resolvemos adotar a cadela, que na época tinha cerca de um 1 ano e 3 meses de idade. Ela afinal, havia me escolhido. Chamava-se Beca - Bequinha para os íntimos - e viveu em nossa casa por mais de 14 anos. Faleceu com 15 anos e 8 meses e deixou outro vazio em nossos corações e vidas.

Que saudades da Bequinha!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Há Esperança

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de trinta e cinco antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

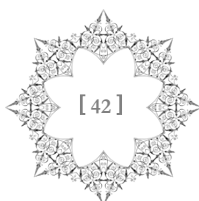
Solidariedade, amor, honra,
paixão e compaixão.
A tentarem desfazer faltas.
A puxarem pelo fio da felicidade.
A chamarem por equilíbrio,
considerações.

De tudo isso, as marcas e
possibilidades nas mentes e mãos.

Elevados patamares do bem
e do bom... e relativas ações
com humildade
e abnegação
defrontados por muito chão.

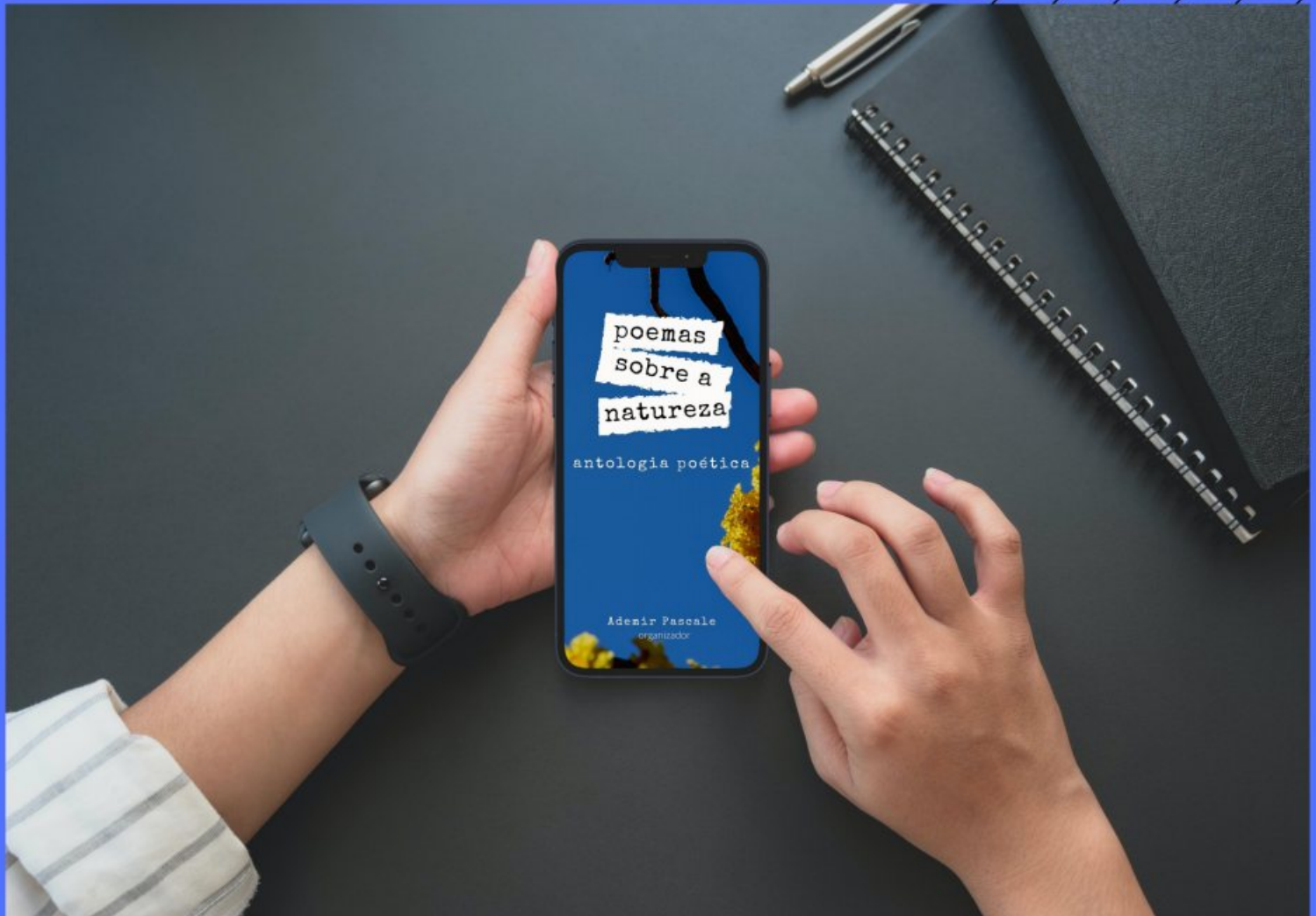
Com um crivo à frente
o todo da humanidade...
Quantas vezes um caminhar
sobre brasa ou gelo!
Na diferença,
união e harmonia
há que granjear
e fazer por acontecer.

Esperança sempre!
É do caminho a luz...
para o melhor futuro.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI